

ESTUDO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CAUSAIS E CONSECUTIVAS NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

GONDIM, Ana Cleide de Araújo.
anacgondim@yahoo.com.br

OLIVEIRA, Maria Rogéria Meneses de.
rogerialetras@yahoo.com.br

SOUZA, Joana Angélica Dantas de.
joanalettras11@hotmail.com

MENEZES, Maria Ione Vasconcelos de. (Orientadora)
Graduada em Letras, Especialista em Metodologia do Ensino Superior,
Professora do Curso Letras / Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
maria_yone@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho consiste numa análise do ensino da Língua Portuguesa inserida no campo da semântica, a fim de propiciar e conduzir-se uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem de maneira óbvia, utilizando o recurso lingüístico, para chegar aos resultados dos sentidos. Nessa perspectiva enquadra-se esse estudo, a exploração da estrutura sintática das Orações Subordinadas Adverbiais, em específicas as que exprimem Causa e Conseqüência. Para efetivar este estudo se fez necessário conhecer a realidade atual do ensino dessas orações, através de uma pesquisa de campo utilizando o método de questionário em três escolas da rede pública de ensino. Tal pesquisa evidenciou a existência de muitas dúvidas e desinteresse por parte dos alunos e desestímulos por parte do mestre, que adota uma metodologia falida, sem a obtenção de um considerável retorno positivo (a aprendizagem). Dado esse fato, o ensino da Língua Portuguesa será pertinente quando ministrado com proposta de reflexão, de crítica, de atuação política e social do aluno, pela ampliação de suas potencialidades comunicativas, tornando-o usuário da língua competente e consciente.

Palavras-chave: Orações subordinadas - semântica - ensino - Língua Portuguesa

LÍNGUA PORTUGUESA

A dificuldade do aluno em aprender a Língua Portuguesa fica evidente à luz da interpretação de determinados conteúdos em especial a identificação das Orações Subordinadas. Nota-se que essas dificuldades ocorrem devido a pouca importância reservada ao estudo da significação do enunciado, pois o tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com questões como, ortografia, acentuação gráfica, assimilação de regras gramaticais de concordância de regência e de tantos outros que se pretende elevar o aluno à “usuário da norma culta”.

Assim, as aulas de Língua Portuguesa constituem-se em uma metalinguagem, ou seja, um estudo desvinculado da funcionalidade da língua, seja falada ou escrita. Contudo, cabe ao professor de Língua Portuguesa levar o aluno à observação e a reflexão dos enunciados com a finalidade da efetivação do sentido. Logo, o ensino da Gramática contemplar-se-á na variedade dos recursos lingüísticos que foram usados no enunciado, porém, isto não ocorre devido à atuação de professores tradicionais que seguem modelos antigos, nos quais privilegia-se a transmissão de conteúdos prontos e prescritivos para uma única forma lingüística.

Portanto esse modelo retrógrado deverá ser abolido e o ensino da língua deverá estar embasado nos estudos lingüísticos contemporâneos que partem do pressuposto de que a produção textual não é apenas uma seqüência de palavras faladas ou escritas, mas um evento comunicativo carregado de construção de sentido e que se manifesta através da interação entre os conhecimentos que apresenta e o conhecimento de mundo do interlocutor. Assim, o ensino da língua será individual e social, produtivo e relevante.

O ensino da Língua Portuguesa tem sido um eixo de discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação, seja em escolas públicas ou particulares. Uma vez que a atual linha de ensino da língua materna não está condizente com o que deveria ser aplicada na sala de aula, pois, o ensino da língua deveria ser numa perspectiva que tangencia a visão da língua como forma de atuação social e, no entanto, está desviado para o ensino de conteúdos prescritivos – língua culta.

Contudo não significa dizer que a escola exclua o ensino da teoria gramatical ao aluno, porém, com o cuidado de manter a adequação social do produto lingüístico com seus alunos, ou seja, ela tem de garantir que seus alunos entendam que têm que adequar registros, os quais poderão variar seus padrões conforme as situações de produção. Assim, se usa a língua para obter resultado de sentido, é obvio que só haverá exercício pleno de linguagem, se as escolhas e arranjos estiverem adaptados às condições de produção.

O ENSINO DA GRAMÁTICA: ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE

No livro **Porque (não) ensinar gramática na escola**, Sírio Possenti faz uma análise dos princípios de conhecimentos que são passados para os alunos, e afirma que o ensino exige rupturas com os princípios do saber. O autor apresenta uma série de argumentos para convencer-nos, de que é desnecessário ensinar gramática na escola quando se tem como objetivo, dominar a variedade padrão de uma língua e tornar os alunos hábeis leitores; por isso, apresenta-nos vários conceitos de gramática e alguns outros conceitos relacionados com o ensino.

A questão do ensino da gramática continua atual, isso porque embora tenha havido muita mudança de discurso, a prática escolar continua a mesma, exceto em poucos enclaves

particulares. Definindo a gramática como “conjunto de regras”, Sírío apresenta três alternativas de entendimento para definição a saber:

1. Conjunto de regras que devem ser seguidas (Gramática Normativa); é a mais conhecida, porque em geral é a definição que se adota nas gramáticas e nos livros didáticos.

2. Conjunto de regras que são seguidas (Gramática Descritiva); é a que orienta o trabalho dos lingüistas, cuja preocupação é descrever e explicar como as línguas são faladas.

3. Conjunto de regras que o falante da língua domina (Gramática Internalizada); hipóteses sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou seqüências.

Assim como o conceito de gramática não é unívoco, o conceito de regra também não é. Há dois sentidos em que se pode falar de regras: um traz a idéia de obrigação, o outro traz a idéia de regularidade.

As regras de uma gramática normativa se assemelham às regras de etiqueta, expressando uma obrigação e uma avaliação do certo e do errado. Já as regras de uma gramática descritiva se assemelham às leis da natureza, na medida em que organizam observações sobre fatos sem qualquer conotação valorativa (um botânico não critica uma planta por apresentar tal característica, apenas descreve-a e a classifica). Por sua vez, as regras de uma gramática internalizada expressam aspectos dos conhecimentos lingüísticos dos falantes.

O que o é produzido pelo aluno, reflete o que ele sabe (gramática internalizada), a comparação sem preconceito das formas é uma tarefa da gramática descritiva, e a explicitação da aceitação ou não de tais formas é uma tarefa da gramática normativa. Dessa forma, Sírío Possenti propôs metodologias que podem ser executadas por profissionais com bom senso, capacidade de observação e disposição para abrir mão de atitudes puristas em relação língua.

Assim se usa a língua para obter resultado de sentido, é obvio que só haverá exercício pleno da linguagem, se as escolhas e arranjos estiverem adaptados às condições de produção e essas adaptações se fazem urgentes, pois se sabe que as transformações sociais, políticas e econômicas ocorreram em curto espaço de tempo e, conseqüentemente se refletiram em nossa língua oficial, ou seja, mudaram-se os usos lingüísticos, mas infelizmente essas mudanças ainda não se efetivaram na prática pedagógica da Língua Portuguesa, esta ainda tem o pretensioso objetivo de promover a aprendizagem da língua materna através dos dogmas gramaticais.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CAUSAIS E CONSECUTIVAS: UMA INVESTIGAÇÃO MINUCIOSA

O ensino das Orações Subordinadas Adverbiais, em sala de aula está mais voltado para o conhecimento das conjunções que as denominam do que para a compreensão do significado dos seus enunciados, daí faz-se necessário. Uma investigação minuciosa sobre o ensino das Orações Subordinadas Adverbiais faz-se necessário, pois esse conteúdo se apresenta como vilão diante de alunos e mestres. A partir das teorias de Franchi (2001) se pode compreender que a base do “aprender” se sustenta na forma de “ensinar”. Assim, para o autor:

As atividades epilingüísticas são tipicamente escolares, ... são atividades que o aluno exercita a reflexão sobre os fatos textuais e lingüísticos... ele observa as particularidades das ocorrências, faz comparações e transforma as frases criativamente... Em sala de aula, esse trabalho prático com a linguagem deve anteceder o estudo de regras e nomenclaturas. (FRANCHI, 2001, p. 94).

Dessa forma, compreende-se que o autor desenvolve atividades necessárias ao ato de ensinar que devem ser postas em prática gradativamente, exercitando assim, o aluno para a obtenção da aprendizagem. Esse teórico exclui do ensino a possibilidade do conteúdo

ministrado ser apenas decorado, pois, ele sugere métodos que explorem o sentido dos enunciados, facilitando com isso, a compreensão desses pelos alunos.

Franchi desenvolve três atividades: As lingüísticas, epilingüísticas e metalingüísticas; essas duas últimas são essenciais ao ensino das Orações Subordinadas Adverbiais. O autor aponta as atividades metalingüísticas como um sistema que descreve a gramática da língua e resulta de um processo dinâmico de abordagem das frases e palavras de que compõem os textos.

Com isso, se pode afirmar que o processo de ensino e aprendizagem caminham do lingüístico (uso da língua) e de vivência prática (interação com textos orais e escritos) para a construção da teoria (reflexão sobre os fatos gramaticais). Entende-se que através desse processo, o ensino deixará de centralizar-se em definições e classificações, e desenvolver-se-á o uso das regras gramaticais como parte da competência comunicativa dos alunos.

Assim, percebe-se que não é preciso excluir o uso das regras gramaticais, e sim, descentralizá-los. Deve-se enfatizar o uso da língua e estimular a interação dos alunos com textos orais e escritos, posteriormente efetuar a construção da teoria. Com isso, desenvolve-se o uso das regras gramaticais como competência comunicativa dos alunos.

Essa competência adquirida pela abordagem da construção do sentido conduzirá também o aluno, a buscar recursos que a língua dispõe para a construção de diferentes sentidos, a fim de expressar tal sentido. Assim, por exemplo, podem-se promover os estudos dos recursos disponíveis na língua para expressar Causa e Conseqüência - objeto de pesquisa deste artigo. Sobre isso Traváglia diz:

Reflexões no nível entre as relações de Causa e Conseqüência, certamente devem ser precedidas de estudos sobre esta relação, através de atividades e exercícios diversos em que o aluno seja levado a entender e distinguir Causa e Conseqüência e a conhecer os recursos de expressão das mesmas, para depois trabalhar as diferenças fundamentais e mais freqüentes e depois as menos freqüentes. Isso exige do professor um trabalho de gradação. (TRAVÁGLIA, 2003, p. 185)

Para isso, cabe ao professor desenvolver um trabalho aproveitando a ocorrência de recursos e fatos da língua no uso que o aluno faz desta enquanto produtor e receptor de textos, assim, ele entenderá suas necessidades mais imediatas. Isso, através de um trabalho sistematizado pelos mecanismos de tipo de recurso e pela instrução de sentido, efetuando-se assim, o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

Dessa forma, o ensino da Língua Portuguesa será pertinente ao conduzir o aluno à capacidade de pensar diante de fatos e fenômenos do mundo (natural e social) ser capaz de observar, formular hipóteses e buscar sua comprovação ou falsificação. Assim, as aulas de Língua Portuguesa conceberão em um momento de pesquisa, o que desenvolverá nos alunos uma habilidade que lhes dariam independência intelectual. Tornando-lhes capazes de perceberem que as normas sociais para o uso da língua são uma lei mutável, visto que a língua é dinâmica e muda conforme as necessidades comunicacionais da sociedade e cultura a que a língua serve. Procedendo dessa forma, Neves (2004, p. 42) afirma que “em geral, o usuário não vai satisfazer-se com os grandes manuais tradicionais da gramática, porque neles ele não vai encontrar, afinal normas claramente prescritivas que ele possa, com uma busca fácil, transportar para o uso”.

No entanto, compete à escola levar o aluno a efetivação da melhor escolha, no sentido de adequá-lo à exigência social, ou seja, que ele tenha condições de mover-se nos diferentes padrões de rigidez ou frouxidão, em conformidade com as situações de produção. Com isso, se

destruirá o mito de que “o bom uso da língua” tem o poder de qualificar o usuário a obtenção de uma elevada e autoritária posição social.

Nesse âmbito, muitas ações têm sido desenvolvidas no sentido de motivar e fundamentar uma reorganização dos estudos das Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas e Causais, mas, segundo Antunes (2003), as experiências de renovação não ultrapassam o domínio das iniciativas e os alunos continuam sendo prejudicados.

Assim, com enormes dificuldades de compreensão da distinção entre as orações, o aluno se vê frustrado no seu esforço em estudar o conteúdo, além de ter quase certeza de que é incapaz e linguisticamente deficiente ficando à margem do entendimento. Sobre isso, Antunes, (2003, p.20) diz que, “conseqüentemente, persiste o insucesso escolar, que se manifesta de diversas maneiras. Logo de saída, manifesta-se de forma súbita, por parte do aluno, de que ele não sabe português”.

A autora, ainda nos alerta para as atividades gramaticais que geralmente ignoram a interferência de um estudo centrado na busca do sentido, tornam-se inconsistentes, pois, se apóiam apenas em regras e casos particulares, que embora estejam nos compêndios da gramática, estão fora dos contextos mais previsíveis do uso da língua. Trata-se, na verdade, de uma gramática inflexível.

O ESTUDO DA SEMÂNTICA – DISCUTINDO SIGNIFICADOS

A nomenclatura “Semântica” leva o leitor às mais diversas interpretações, já que esta é bastante abstrata por estar atrelada ao significado. Para Koch, a representação das relações entre as expressões, os objetivos aos quais estas se referem e os usuários ou o contexto de uso das expressões fazem parte da Semântica. Como também, toda expressão linguística é

constituída pela sintaxe, logo não se podem estabelecer limites precisos entre a sintaxe e a Semântica, pois não se pode imaginar, sem sintaxe uma semântica superior ao nível da palavra ou da oração.

Dessa forma, percebe-se que o estudo das orações subordinadas adverbiais está atrelado à sua estrutura sintática e a sua carga semântica, porém a relevância desta será o instrumento principal a levar o aluno para a construção de sentido. Conseqüentemente este aluno terá suporte e competência de analisar e interpretar as diversidades textuais. Assim o aluno terá adquirido conhecimentos que irão perpassar o estudo somente da forma estrutural das orações.

Não resta dúvida de que a oração é um veículo de suma importância na construção do texto e esta deve ser construída dentro de uma estrutura correta para a efetivação de um texto coeso. E para isto o sistema lingüístico põe à disposição do falante uma variedade de recursos para relacionar ou fundir orações entre as quais ele tenha percebido pontos de contato. Surge assim, a importância do emprego de elementos adequado pra expressar as diversas relações semânticas, já que um elemento de ligação pode expressar relações semânticas diferentes conforme a estrutura e o contexto.

Tão logo acionado estes recursos o falante passa a produzir orações articuladas através da inserção de uma oração sob a outra. Para isto, Carone pondera que, “o ponto de aproximação dessas orações pode ser sutil através de uma relação de causa e efeito entre dois fatos... ou a conseqüência que daí advém” (Carone, 2003, p. 49-50). Estes vocábulos de inserção supostamente citados pela autora são denominados de conjunções e estas ganham sua classificação por critérios semânticos. Como também, elas denotam uma carga de circunstância qualquer, logo a oração que elas inserem funciona como um circunstante ou um

adjunto adverbial. Carone acrescenta que estas conjunções possuem propriedades que impõem a uma oração o comportamento de advérbio formando-se assim, a oração adverbial.

Faz-se necessário fazer uma ressalva aos aspectos das orações reduzida em foco, já que esta vertente tem como objetivo maior, tornar o texto mais objetivo. Para melhor caracterizar estas orações tem-se o verbo na forma nominal – gerúndio e particípio, que funcionam como translativos. Mas, há momentos em que uma preposição pode ser o translativo que vai alterar o comportamento de uma oração infinitiva. Carone demonstra estranheza quanto à nova roupagem das formas nominais, já que na língua erudita estas formas possuíam a função de adjetivo, advérbio e substantivo, a isto ela cita Yjelslev, “as influências externas são, na verdade, conservadoras, e as alterações registradas pela diacronia resultam de uma tensão interna da língua... e o sistema avança livremente pelos caminhos determinados pela natureza”. Yjelsleb (aput. Carone. 2003. p. 66).

Isto vem a confirmar que a linguagem é viva e está sempre em transformação. Mas, vale reforçar a importância dessa ferramenta na construção do discurso, já que nem tudo o que o enunciado deixa ou faz entender se acha explícito nele; parte de seu sentido já está no conhecimento do interlocutor. Portanto a semântica é um mecanismo que vai instalando-se à medida que o usuário da língua cria um número infinito de frases enriquecidas e enriquecidas de carga semântica.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Cientes da necessidade de aprofundar as reflexões sobre a possibilidade de se trabalhar em sala de aula a Língua Portuguesa com o objetivo de levar o aluno à construção de sentido possibilitando assim, o aprendizado das orações subordinadas adverbiais sem que os

mesmos recorram ao hábito de “decorar” é que esta pesquisa se justifica.

Por conta disso, a metodologia que norteou a argumentação dessa pesquisa foi construída em torno dos objetivos trabalhados por Thiollent (1998), ao afirmar que a opção metodológica que se apóia no pressuposto de que somente os agentes educativos atuantes interna ou externamente na escola podem, havendo vontade política e, naturalmente competência técnica também, fazer efetivas transformações mediante intervenções na prática e ações pedagógicas.

Inicialmente, delineamos um plano de trabalho incipiente o qual constituiu do levantamento bibliográfico condizente com o tema proposto, que consiste em apenas formar uma base ideológica e qualitativa quanto ao conteúdo, permitindo condensar, exploratoriamente, as questões referentes ao tema e como o mesmo vem sendo abordado e qual o impacto deste na comunidade escolar. Com base na reflexão das leituras feitas, constituímos o segundo momento, a partir da realização da pesquisa de campo, na qual foram utilizadas as técnicas: de questionário (constituído por seis questões; compreendendo três questões abertas e três fechadas, baseadas nos objetivos específicos da pesquisa). A escolha desse método se fez pela necessidade de conhecer o processo de ensino/ aprendizagem do conteúdo “Orações subordinadas adverbiais” em sala de aula e a partir de dados reais concretizar o objetivo do presente estudo.

O universo da pesquisa integrou três Instituições Públicas, sendo o Colégio Estadual Dom Luciano José Cabral Duarte – turno da manhã, com alunos da 1ª Série do Ensino Médio, o Presidente Médici – turno da tarde, com alunos da 8ª Série do Ensino Fundamental e o Colégio Estadual Gonçalo Prado Rolemberg Leite no turno da noite, com alunos da 1ª Série do Ensino Médio. A amostragem foi composta por dez questionários com seis perguntas

abertas e fechadas que de forma aleatória os alunos responderam na presença do pesquisador em sala de aula também como instrumento de coleta.

No terceiro momento, fez-se a tabulação dos dados da pesquisa de campo, que foram analisadas à luz do referencial teórico, assim obter resposta do que se foi proposto investigar, de forma que o método escolhido para análise dos dados foi análise de conteúdo por dados qualitativos.

Questionando sobre a metodologia adotada pelo professor visando à distinção entre as Orações Subordinadas Adverbiais Causais e Consecutivas, percebemos que predominou o entendimento através das conjunções, dos sentidos de cada oração, enquanto a minoria respondeu que não lembravam e que não havia tido orientação quanto à distinção através das conjunções. Vale ressaltar algumas contradições neste item, já que alguns questionados optaram pela alternativa cuja opção aponta o uso das conjunções, no entanto, o aluno apresenta como justificativa o fato de que cada oração possui sentido. Com isso, constatamos a contradição, pois se as orações são providas de sentido, logo suas distinções procedem através do sentido e não através do uso das conjunções conforme foi apontado pelos questionados. Para isto (Carone, 2003 p. 51), afirma que a classificação em causais, consecutivas baseia-se em critérios semânticos.

Quanto à importância atribuída pelos alunos ao estudo das orações subordinadas adverbiais em sua maioria cita que as orações ajudam a entender melhor as frases, pois possibilita a identificação, distinção, aquisição da escrita e a diferenciar orações, outros responderam que é importante, na medida em que possibilita o uso dos advérbios e dos verbos nas orações. Conforme o depoimento: a importância é um ponto fundamental, pois vamos saber onde devemos usá-las e que expressemos nossos dizeres com mais clareza”, (aluno, 1ª

Série, manhã); “Facilita na maneira em que nós nos comunicamos oralmente e também na escrita”, (aluno, 1ª Série, noite); “ajuda a entender melhor as frases”(aluno, 8ª Série, tarde).

Como podemos analisar as respostas apresentadas pelos alunos não condizem com seus conhecimentos acerca do conteúdo em questão, pois conforme os depoimentos acima, percebemos a semelhança ou transcrição das sugestões contidas no questionário do item seguinte referente a uma das finalidades do estudo das orações.

Na tentativa de avaliarmos acerca do conhecimento sobre o aprendizado das orações subordinadas adverbiais possibilita que expressemos nossos dizeres com mais clareza, tanto na linguagem oral como na linguagem escrita. Posteriormente foram sugeridas algumas opções em que a maioria aderiu à alternativa que afirma a necessidade de concordar, pois o domínio dessas orações faz que eu expresse minhas idéias de maneira mais articulada e objetiva.

Sobre a opinião destes acerca do ensino da Língua Portuguesa, foi unânime o entendimento de que é uma disciplina de suma importância para a constituição do aprendizado e formação de conhecimento do aluno, ao tempo em que é muito complexa. Conforme evidencia os depoimentos –“porque temos que dominar a Língua Portuguesa ela muito complexa”, (aluno, 8ª Série, manhã); “é uma língua muito difícil e por isso requer muita atenção e muito empenho”, (aluno, 1ª Série, noite). Diante das respostas obtidas, fica evidente que o aluno refere-se a língua materna como uma língua “madrasta” desvinculada de sua realidade, logo atribuímos este fato ao questionamento apresentado pela autora Antunes (2003. p 20), onde é descrito que, o insucesso escolar persiste devido as atividades gramaticais ignorarem a interferência de um estudo centrado na busca do sentido, privilegiando as regras gramaticais distanciando-se dos contextos mais previsíveis de uso da língua.

Quanto às dificuldades encontradas ao estudar as orações subordinadas adverbiais

causais e consecutivas, os questionados, em grande maioria, afirmaram a inexistência de dificuldades, quando na realidade, evidenciamos que eles têm dificuldades até mesmo de expressarem suas opiniões.

Enquanto sugestões dos alunos para implementação na forma do ensino das Orações Subordinadas Adverbiais Causais e Consecutivas, foi constatado que estes anseiam por aulas interativas as quais instiguem a criatividade do discente através de letras musicais, textos atuais e contextualizados com o cotidiano dos alunos que possibilitem a eles competência de externar suas idéias. Em suma há de forma unânime o desejo de um ensino distante da realidade tradicionalista que se centraliza em aulas meramente expositivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo constitui-se numa proposta concreta e viável para o estudo funcional das Orações Subordinadas Adverbiais em análise. Pelo fato das dificuldades enfrentadas pelo aluno, não têm sido enxergadas com a devida importância. A reorientação aqui apresentada requer determinação, empenho de querer mudar, adquirindo assim, competência suficiente para compreender com base na estrutura da língua, as diferenças estabelecidas pelo gênero em questão.

Sabe-se que a gramática tradicional é fundamental na noção de classes bem definidas, nas quais as palavras possam ser inseridas sem passar pelo crivo de uma análise contextual. Isso pode ser mudado através da modificação do ensino da gramática na escola através da própria eliminação de práticas tradicionais de ensino.

Por isso, tem-se o propósito da efetivação de um ensino fundamentado em aguçar o sentido dos enunciados. Propõe-se um estudo que indica a reflexão crítica – social do aluno e não apenas, uma utilização artística de critérios que possibilitem o discernimento das diferenças. Portanto, o ensino da Língua Portuguesa começa pela construção de relações adequadas para uma efetiva interação do professor e dos alunos entre si, para que cada um possa interagir no processo dialógico que é a linguagem.

Dessa forma, cabe ao professor de Língua Portuguesa conscientizar-se de que ele não é só professor de gramática, mas um polivalente. Ou seja, deverá relacionar-se bem com Leitura, Literatura, Sociologia, pois uma língua viva se funda em tudo isso e muito mais. Além disso, esse profissional deve manter-se informado, habituar-se a fazer leitura sincera e constante, ou seja, constituir-se um ser desalienado. Logo, não pode ser bitolado por regras e exceções,

protegido pela redoma da Gramática que conduz o aluno à construção de verdades absolutas, isentos de críticas e de construção de sentido.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (Série Aula: 1).
- AZEREDO, José Carlos. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 3 ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2002.
- BRITO, Eliana Viana. [et al]. **PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.
- CARONE, Flávia de Barros. **Coordenação e Subordinação**. 6 ed. São Paulo: Ática Série Princípios, 2003.
- ILARE, Rodolfo. **Introdução à Semântica – brincando com a gramática**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH. Ingedore G. Villaça, FÁVERO, Leonor Lopes. **Linguística Textual: uma introdução**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- NEVES, Maria Helena. **Que gramática ensinar na escola?** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SEVERINO, Antônio Joaquim, **Metodologia do Trabalho Científico**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- THIOLLENT, Michael. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1998.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino da gramática**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003.